

A ESCRITA COMO RUPTURA: VOZ, CORPO E CRÍTICA EM *EL PÁJARO MOTOSIERRA*, DE KATHERINE PERZANT

WRITING AS RUPTURE: VOICE, BODY AND CRITICISM IN *EL PÁJARO MOTOSIERRA*, BY KATHERINE PERZANT

JULIANA CARVALHO DA SILVA¹

Resumo: Este texto analisa *El pájaro motosierra* (2020), de Katherine Perzant, a partir de notas de pesquisa voltadas a seus procedimentos formais e temáticos, em diálogo com a história recente e com debates dos estudos culturais latino-americanos. A obra é compreendida como uma escrita híbrida, situada entre teatro, poesia e performatividade, que desloca a linguagem da representação para o acontecimento. Destacam-se a fragmentação textual, a centralidade da voz e a construção de uma subjetividade instável como efeitos da enunciação, articulados a experiências históricas de instabilidade e transformação. O corpo, especialmente o corpo feminino, emerge como espaço de vulnerabilidade e de produção de sentido, conectando linguagem, experiência e temporalidade histórica.

Palavras-chave: literatura cubana; corpo; feminino

Abstract: This text analyzes *El pájaro motosierra* (2020), by Katherine Perzant, based on research notes focused on its formal and thematic procedures, in dialogue with recent history and debates in Latin American cultural studies. The work is understood as a hybrid form of writing, situated between theater, poetry, and performativity, which shifts language from representation to event. The analysis highlights textual fragmentation, the centrality of voice, and the construction of an unstable subjectivity as effects of enunciation, articulated with historical experiences of instability and transformation. The body, especially the female body, emerges as a space of vulnerability and meaning-making, connecting language, experience, and historical temporality.

Keywords: Cuban literature; body; femininity;

¹ Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS – UFRJ). Jcarvalhoacademia@gmail.com

El pájaro motosierra (2020), da escritora e dramaturga cubana Katherine Perzant (Holguín, 1996) e ganhador do Premio Nacional de Dramaturgia Abelardo Estorino, Tablas-Alarcos, em 2022, apresenta-se como uma obra de natureza híbrida, situada na confluência entre teatro, poesia e escrita performativa. A recusa de categorias genéricas fixas e de personagens psicologicamente delineados desloca o texto para uma zona liminar, na qual a linguagem deixa de operar prioritariamente como representação e passa a funcionar como acontecimento. Tal procedimento aproxima a obra de debates em torno do teatro pós-dramático, especialmente no que se refere à centralidade da voz, do corpo e da materialidade da linguagem².

A imagem central do livro, aqui o pássaro associado a uma motosserra, funciona como uma metáfora condensadora da poética proposta por Perzant. O canto, tradicionalmente relacionado à leveza e à harmonia, aparece tensionado pelo ruído e pelo corte, sugerindo uma linguagem que interrompe e desestabiliza. Tal imagem aproxima-se das reflexões de Nelly Richard³ sobre estéticas latino-americanas que operam por meio da ruptura e do deslocamento de sentidos, recusando formas expressivas conciliatórias ou pacificadas. A centralidade da voz confere à obra um caráter marcadamente performativo. A escrita parece constantemente convocar a oralidade e a cena, como se exigisse ser dita ou encenada. Essa dimensão aproxima o texto da noção de presença vocal formulada por Zumthor⁴, segundo a qual a palavra literária extrapola a materialidade da página e se realiza plenamente na relação entre corpo, voz e escuta. A recusa da personagem tradicional reforça essa perspectiva, ao deslocar o foco da identidade individual para a enunciação e para o gesto discursivo.

El pájaro..., texto originalmente produzido para o teatro mas, como pontua a crítica de Martha Cadenas “hojeas el libro y te preguntas, ¿es poema?, ¿es teatro?, ¿es diario? Porque transgredir los géneros y gozar con la hibridez sigue sorprendiéndonos a estas alturas”⁵, Perzant amplia sua voz e bebe em referências para além da *isla*, como no filme *As Horas* (2002), de Stephen Daldry, que retrata três mulheres atravessadas pelas obras de Virginia Woolf. Aqui, a autora muito parece reproduzir *à la cubana* as angústias de mulheres que visam a liberdade corporal, do sentir, do falar e,

² LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

³ RICHARD, Nelly. *Crítica da memória*. Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2010.

⁴ ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁵ Disponível em: <https://rialta.org/garganta-del-pajaro-me-beso-en-la-boca-the-bell-jar/>; Acessos em 3 de janeiro e 6 de agosto de 2026.

principalmente, do ser: *Virginia me mira y en un close up mortal me abofetea: Muchacha, hay que mirar la vida de frente*⁶. Ademais, Perzant assume ainda o risco de escancarar uma autobiografia do ser mulher, em uma sociedade que busca enjaular o feminino em gaiolas minúsculas, como pássaros de estimação, cantando com a voz abafada e sonhando com a liberdade distante.

A fragmentação textual, a descontinuidade sintática e a multiplicidade de vozes constituem elementos estruturantes da obra. Esses procedimentos podem ser compreendidos como estratégias estéticas que dialogam com formas contemporâneas de percepção e experiência do tempo. Conforme aponta Beatriz Sarlo⁷, a literatura latino-americana recente recorre frequentemente à fragmentação como modo de elaborar a complexidade do presente. Em *El pájaro motosierra*, essa fragmentação não se restringe à forma, mas atravessa a própria construção da subjetividade, produzindo uma voz instável, marcada por oscilações entre introspecção, intensidade afetiva e exaustão.

No plano teórico, essa concepção de sujeito como efeito da linguagem dialoga com as reflexões de Stuart Hall⁸ para quem as identidades são construções históricas, instáveis e processuais. Em *El pájaro motosierra*, não há um “eu” fixo ou coerente, mas uma série de posições enunciativas que se sobrepõem, se contradizem e se fragmentam ao longo do texto. Tal instabilidade não é apresentada como falha, mas como princípio constitutivo da escrita.

O corpo feminino, em *El pájaro motosierra*, ocupa um lugar central na construção da experiência textual, aparecendo como espaço de exposição, vulnerabilidade e intensidade afetiva. Longe de uma representação essencializada ou idealizada, esse corpo é apresentado como instância atravessada pela linguagem, pela voz e pela instabilidade, tornando-se indissociável do gesto performativo da escrita. A materialidade corporal surge, assim, como superfície de inscrição de afetos, cansaços e deslocamentos, em consonância com uma poética que privilegia a fragmentação e a descontinuidade. Tal abordagem dialoga ainda com reflexões feministas latino-americanas que compreendem o corpo feminino como construção histórica e

⁶ PERZANT, Katherine. *El pájaro motosierra*. Ediciones Alarcos, La Habana, 2022. p. 20.

⁷ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

relacional, marcado por normas, expectativas e disputas simbólicas⁹. Em Perzant, contudo, o corpo não se limita a figurar como objeto de controle ou de violência simbólica, mas afirma-se também como lugar de enunciação e de produção de sentido, no qual a escrita se converte em gesto corporal e a voz em forma de presença.

Do ponto de vista histórico, a escrita fragmentária mobilizada por Katherine Perzant pode ser compreendida como um gesto que tensiona formas tradicionais de narrar a experiência latino-americana. A recusa de uma linearidade narrativa e de um sujeito unificado aproxima *El pájaro motosierra* de debates historiográficos que questionam modelos teleológicos de tempo, frequentemente associados a projetos modernos de racionalização do passado. Conforme assinala Dipesh Chakrabarty¹⁰, a crítica à noção de história como progresso contínuo permite a emergência de temporalidades múltiplas e descontínuas, nas quais experiência, memória e afetividade adquirem centralidade. Nesse sentido, a obra de Perzant articula uma percepção histórica marcada por rupturas, deslocamentos e sobreposições temporais.

A dimensão performativa da escrita também pode ser lida como uma crítica implícita aos regimes modernos de produção de conhecimento, que privilegiam a distância entre sujeito e objeto e a neutralidade do discurso. Em *El pájaro motosierra*, o conhecimento não se apresenta como totalidade explicativa, mas como experiência situada, atravessada pelo corpo, pela voz e pela instabilidade da enunciação. Essa perspectiva aproxima o texto de concepções decoloniais que defendem a valorização de saberes encarnados e localizados, em oposição a epistemologias universalizantes que historicamente marginalizaram formas não hegemônicas de produção de sentido na América Latina.

A fragmentação da voz e a multiplicidade enunciativa presentes na obra podem ser associadas à crítica de Aníbal Quijano¹¹ à colonialidade do poder, na medida em que desestabilizam hierarquias discursivas e modelos normativos de subjetividade. Ao recusar uma voz autoral centralizadora, Perzant constrói um espaço textual no qual diferentes intensidades e registros coexistem, sem se submeter a uma lógica de

⁹ SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

¹⁰ CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

¹¹ QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227–278.

ordenamento totalizante. Tal procedimento dialoga com propostas decoloniais que defendem a pluralização das formas de narrar e compreender a experiência histórica latino-americana.

O corpo, especialmente o corpo feminino, ao assumir centralidade na obra, também se articula a debates históricos sobre a produção de conhecimento. Ao inscrever afetos, cansaços e vulnerabilidades na materialidade da escrita, *El pájaro motosierra* desloca a centralidade da razão abstrata e reafirma o corpo como lugar legítimo de saber. Essa perspectiva converge com reflexões feministas decoloniais que compreendem o corpo como arquivo histórico, no qual se inscrevem normas, violências, expectativas e resistências, frequentemente silenciadas pelas narrativas oficiais.

Além disso, a recusa de personagens psicologicamente delineados pode ser interpretada como um questionamento das formas modernas de individuação, historicamente vinculadas à construção do sujeito liberal ocidental. Em seu lugar, a obra propõe uma subjetividade relacional e instável, construída no entrelaçamento entre linguagem, corpo e experiência histórica. Essa concepção aproxima o texto de reflexões decoloniais que problematizam a centralidade do indivíduo autônomo como fundamento exclusivo da produção de conhecimento.

Por fim, ao tensionar fronteiras entre gêneros literários e ao convocar a oralidade, a cena e a performatividade, *El pájaro motosierra* inscreve-se em uma tradição latino-americana de experimentação estética que dialoga com práticas culturais historicamente marginalizadas. Essa escolha formal pode ser lida como um gesto político-epistêmico que amplia os modos de narrar o passado e o presente, contribuindo para a construção de perspectivas históricas sensíveis à pluralidade de vozes, corpos e temporalidades que compõem a experiência latino-americana contemporânea.

Para tanto, a recusa de formas literárias estabilizadas pode ser lida à luz das reflexões de Mignolo¹² sobre a colonialidade do saber e da linguagem. Ao tensionar regimes normativos de inteligibilidade e desafiar expectativas de leitura, *El pájaro motosierra* inscreve-se em uma escrita liminar, que amplia as possibilidades de narrar experiências subjetivas e corporais no contexto latino-americano contemporâneo. Em suma, buscou-se, em esta nota de pesquisa, demonstrar que *El pájaro motosierra* constitui um

¹² MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

objeto relevante para investigações sobre literatura cubana contemporânea, escrita performativa e relações entre voz, corpo e construção de um sujeito que, nesse caso, entrecorta a noção de uma identidade cubana contemporânea. A obra de Katherine Perzant destaca-se pela articulação entre experimentação formal e densidade afetiva, oferecendo um campo fértil para análises que dialoguem não somente com a teoria literária, mas estudos culturais e debates sobre performatividade de gênero. *Yo soy tu pájaro lira, mi amor y te canto en esta, mi lengua posible/tenías toda la razón del mundo/ soy aquella mujer, escrita por Breton, en 1931/tu mujer con espalda de pájaro que huye vertical.*¹³

¹³ PERZANT, Katherine. *El pájaro motosierra*. Ediciones Alarcos, La Habana, 2022. p. 59.